

**NUNO JOÃO DE OLIVEIRA VALÉRIO**

**ECONOMIAS LOCAIS E ECONOMIA-MUNDO  
O CASO DE TRÁS-OS-MONTES NOS FINAIS DO SÉCULO 18**

**LISBOA  
1 9 8 6**

NUNO JOÃO DE OLIVEIRA VALÉRIO



I. S. E.	
Biblioteca	
H.E.	
564-G.	33006

HC 393 V35  
1986

**ECONOMIAS LOCAIS E ECONOMIA-MUNDO**  
**O CASO DE TRÁS-OS-MONTES NOS FINAIS DO SÉCULO 18**

*Lição apresentada no Instituto Superior  
de Economia da Universidade Técnica de  
Lisboa para as provas de agregação em  
Economia.*

LISBOA  
1 9 8 6

Class. Unica: E.3

## PLANO GERAL

0. Apresentação
1. Plano da Lição
2. Materiais de Apoio à Lição



## 0. APRESENTAÇÃO

No ano lectivo de 1984-1985, o Conselho Científico da Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa convidou-me para assumir a regência da cadeira semestral de História Económica Portuguesa que acabava de ser criada, com carácter obrigatório, no plano de estudos da sua licenciatura em Economia.

Tendo aceite o convite, vi-me obrigado a reformular para um semestre e a pormenorizar o esboço da cadeira anual de História Económica e Social de Portugal que apresentara no relatório "Rumos para o estudo da história económica e social no ISE", aquando das provas documentais do concurso para professor associado do 2º grupo no Instituto Superior de Economia da Universidade Técnica de Lisboa. A lição que agora apresento foi uma das que, nesse trabalho, me pareceu que devia ser incluída no plano das aulas de exposição. Nela aproveitei os elementos preparados para um livro em colaboração com Eugénia Mata (que formou comigo a equipa docente da cadeira de História Económica Portuguesa na Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa no ano lectivo de 1984-1985). O livro — Subsídios para o estudo de Trás-os-Montes nos finais do século XVIII — concluído em 1978, nunca foi publicado, devido a circunstâncias diversas. Os dados então recolhidos foram, entretanto, revistos e confirmados, face a nova publicação do documento que lhes servia de base (o "Mappa do estado

actual da provincia de Tras os Montes" de Columbano Pinto Ribeiro de Castro) por José Maria Amado Mendes em Trás-os-Montes nos finais do século XVIII segundo um manuscrito de 1796 (Instituto Nacional de Investigação Científica, Coimbra, 1981).

Resta-me exprimir o desejo de que este trabalho contribua para o progresso do estudo das matérias a que me tenho dedicado no Instituto Superior de Economia, matérias em cuja utilidade continuo firmemente a acreditar.

## 1. PLANO DA LIÇÃO

- Introdução
- Questões prévias
  - 1ª - O objecto de estudo no espaço
  - 2ª - O objecto de estudo no tempo
  - 3ª - A fonte: dados disponíveis
  - 4ª - A fonte: fidedignidade
- As zonas económicas
  - A - Trás-os-Montes
  - B - As zonas geográficas
  - C - A economia da terra quente
  - D - A economia da ribeira
  - E - A economia do planalto
  - F - A economia da serra
  - G - Os quadros administrativos
- Exame de dados quantitativos
  - A - Problemas metodológicos
  - B - A densidade populacional
  - C - Os impostos por habitante

D - A estrutura da população activa por sector

— Compartimentação económica

— Conclusão

## INTRODUÇÃO

As aulas anteriores da cadeira em que se insere esta lição examinaram:

- a) O papel de Portugal na formação da economia-mundo euro-atlântica.
- b) A posição de semi-periferia que Portugal acabou por assumir nessa economia.

Porém, uma parte importante, talvez maioritária, da economia de Portugal vivia a outro nível: o das economias locais prática ou operacionalmente quase-fechadas.

Esta lição tem por objectivos:

- a) Examinar o que eram estas economias locais.
- b) Compará-las com as zonas mais profundamente integradas na economia-mundo euro-atlântica.

Isso será feito através do estudo de um caso regional — o de Trás-os-Montes nos finais do século 18. Esse estudo é possível devido aos dados contidos no "Mappa do estado actual da Provincia de Tras os Montes", de Columbano Pinto Ribeiro de Castro, datado de 1796 e publicado por José Maria Amado Mendes em Trás-os Montes nos finais do século XVIII segundo um manuscrito de 1796 (Instituto Nacional de Investigação Científica, Coimbra, 1981).

Antes de iniciar tal estudo importa, entretanto, colocar algumas ...

### QUESTÕES PRÉVIAS

1ª - O objecto de estudo no espaço

Terá interesse estudar a região de Trás-os-Montes com os objectivos apontados?

Sim, porque, como se verá, Trás-os-Montes engloba:

a) Zonas profundamente integradas na economia-mundo euro-atlântica.

b) Zonas de economias locais pouco articuladas com o exterior.

2ª - O objecto de estudo no tempo

Terá interesse fazer o estudo anunciado incidindo apenas num momento no tempo?

Sim, porque é possível distinguir os aspectos estruturais, os conjunturais e os dos acontecimentos com base numa análise comparativa com o que se sabe de outros estudos, regiões e épocas.

3ª - A fonte: dados disponíveis

A fonte indicada contém os dados necessários para o estudo que se pretende realizar?

Sim, porque se encontram nela informações sobre:

- a) População e suas ocupações.
- b) Impostos da Igreja e do Estado, rendimento dos concelhos e rendimentos de natureza feudal.
- c) Principais actividades económicas, incluindo produções agrícolas e industriais, feiras e vias de comunicação.
- d) Padrões de pesos e medidas utilizados.

#### 4ª - A fonte: fidedignidade

A fonte indicada contém dados em que se possa confiar?

Sim, porque as circunstâncias em que foi elaborada — inquérito às autoridades municipais e paroquiais por funcionário incumbido de missão importante para elas e bom conhecedor da província — garante, pelo menos, o rigor das ordens de grandeza obtidas.

\*

Abordadas estas questões prévias, é altura de iniciar o exame do que era Trás-os-Montes nos finais do século 18, começando por identificar ...

### AS ZONAS ECONÓMICAS

#### A - Trás-os-Montes

Primeira questão a colocar: delimitação rigorosa do espaço a estudar.

A província de Trás-os-Montes de finais do século 18 corresponde aos actuais distritos de Bragança e Vila Real, com duas pequenas diferenças: incluía a mais os então concelhos de Ruivães — hoje parte do concelho de Vieira do Minho do distrito de Braga — e Teixeira — hoje parte do concelho de Baião do distrito do Porto.

O estudo incidirá sobre o território dos actuais distritos de Bragança e Vila Real, o qual confina a norte com a Galiza, a leste com Leão, a sul com a Beira e a oeste com o Minho (províncias da época).

## B - As zonas geográficas

Segunda questão a abordar: zonas geográficas a considerar dentro de Trás-os-Montes.

		terra quente ou Alto Douro (clima mediterrânico)		
Trás-os-Montes		terra fria ou Trás-os-Montes		
		em sentido estrito (clima		ribeira
		continental)		planalto
			serra	

A terra quente abrange o vale do Douro e a parte terminal dos vales dos seus principais afluentes em Trás-os-Montes (de jusante a montante, o Corgo, o Pinhão, o Tua e o Sabor).

A ribeira abrange as veigas nos vales de alguns afluentes do Douro: Chaves e Basto no Tâmega, Mirandela no Tua, Vilarica no rio do mesmo nome afluente do Sabor, por exemplo.

O planalto abrange a maior parte das terras altas da região. Tem maior extensão nas zonas de Bragança e de Miranda.

A serra abrange as zonas mais montanhosas da região: Larouco, Mairós, Coroa e Montezinho na fronteira norte; Gerês, Cabreira, Alvão e Marão na fronteira oeste; Alturas, Padrela, Bornes, Nogueira, Mogadouro e Reboredo no interior.

#### C - A economia da terra quente

Tendência para a monocultura da vinha. Aproveitamento intensivo da terra. Grande variedade de actividades artesanais (sobretudo na principal localidade da região: Vila Real).

#### D - A economia da ribeira

Policultura (vinha, oliveira, trigo, centeio, fruticultura e horticultura). Aproveitamento intensivo da terra. Menor variedade de actividades artesanais (salvo na então vila de Chaves).

#### E - A economia do planalto

Agricultura (centeio), silvicultura (castanheiro) e pecuária (para lacticínios). Aproveitamento extensivo da terra. Pequena variedade de actividades artesanais (salvo na cidade de Bragança).

Tentativas de introduzir uma indústria capitalista nos sectores:

a) Têxtil da seda. Com reflexo na plantação de amoreiras e criação do bicho-da-seda (principais centros: Bragança e Chacim).

b) Têxtil da lã, com reflexo na criação de gado lanígero (principal centro: Sambade).

c) Dos curtumes, com reflexo na criação de gado (principais centros: Argoselo e Carção).

#### F - A economia da serra

Semelhante à do planalto, mas com menos tentativas de introduzir a indústria capitalista têxtil ou dos curtumes.

#### G - Os quadros administrativos

Para completar esta perspectiva qualitativa com dados quantitativos, é preciso levar em conta os quadros administrativos (concelhos) de acordo com os quais a informação quantitativa está organizada.

Referência aos oitenta concelhos de Trás-os-Montes na última década do século 18 (mapa 1).

Regionalização usada (mapa 2):

- a) Sudoeste - terra quente.
- b) Alto Tâmega - ribeira (veiga de Chaves).
- c) Oeste - ribeira (veiga de Basto).
- d) Tua e Sabor - ribeira (veigas de Mirandela e Vilariga).
- e) Nordeste - planalto/serra (planalto de Bragança e serras de Bornes da Coroa, de Montezinho, de Nogueira, etc.).
- f) Noroeste - serra (serras da Cabreira, do Gerês, do Larouco, etc.).
- g) Leste - planalto/serra (planalto de Miranda e serras de Mogadouro, de Reboredo, etc.).

Note-se o carácter compósito da generalidade das regiões. Por exemplo: há serras nas zonas marcadas pela predominância das veigas — Mairós no Alto Tâmega, Alvão no Oeste e Padrela no Tua e Sabor — e mesmo no Sudoeste caracterizado como terra quente — Marão; há pequenas veigas nas zonas marcadas pela predominância do planalto e da Serra.

\*

Chegou a altura de se fazer o ...

### EXAME DE DADOS QUANTITATIVOS

#### A - Problemas Metodológicos

Os dados de base (quadro 1):

a) Superfície — aproximada, de acordo com os con celhos actuais.

b) População — almas, segundo o "Mappa...".

c) Impostos de Igreja — dízimos, segundo o "Map-  
pa ...".

d) Impostos do Estado — sisas, décima, real de água e subsídio literário, segundo o "Mappa...". (O Estado tinha ainda direitos aduaneiros, que não foram incluídos porque implicariam uma distorção regional em favor das regiões fronteiriças, e rendimentos feudais e outros, que não foram incluídos porque implicariam uma distorsão regional de acordo com factores diversos. As receitas totais do Estado eram da ordem dos 172 contos — menos de metade das da Igreja!).

e) População activa por sector — pessoas com as várias ocupações, segundo o "Mappa ...".

Os dados calculados (quadro 2):

- a) Densidade populacional =  $\frac{\text{população}}{\text{superfície}}$
- b) Impostos por habitante =  
 $= \frac{\text{impostos da Igreja} + \text{impostos do Estado}}{\text{população}}$
- c) Estrutura da população activa por sector:  
 $\frac{\text{população activa em cada sector}}{\text{população activa total}}$

B - A densidade populacional

Para o conjunto de Trás-os-Montes: 23 habitantes por Km<sup>2</sup>.

Na terra quente, um pouco mais do dobro da média.

Na ribeira, da ordem da média.

No planalto e na serra, da ordem de dois terços da média.

C - Os impostos por habitante

Para o conjunto de Trás-os-Montes: 2 mil réis.

Na terra quente, aproxima-se do dobro da média.

Na terra fria, da ordem de três quartos da média (um pouco menos no noroeste; um pouco mais no nordeste e no leste).

D - A estrutura da população activa por sector

Para o conjunto de Trás-os-Montes:  $\frac{3}{4}$  na agricultura,  $\frac{1}{8}$  na indústria,  $\frac{1}{8}$  nos serviços.

Não há variações regionais significativas. Apenas de destacar:

a) O peso da indústria no Nordeste e no Leste —  
— resultado da indústria capitalista.

b) O peso dos serviços no Sudoeste — resultado da integração na economia-mundo euro-atlântica e actividades comerciais e de transporte consequentes.

\*

Antes de tentar esboçar conclusões, deve ainda considerar-se uma importante prova da ...

### COMPARTIMENTAÇÃO ECONÓMICA

Trata-se da pluralidade de pesos e medidas em uso na região: há cerca de duas dúzias de padrões diferentes em Trás-os-Montes (mapa 3).

Note-se a penetração de uma uniformização das medidas dos líquidos segundo o padrão do Porto ao longo do vale do Douro (com prolongamento para Bragança). É um sinal da integração da zona da terra quente na economia-mundo euro-atlântica. Essa integração é, evidentemente, muito mais ténue para o resto de Trás-os-Montes — a terra fria é, em termos gerais, auto-suficiente, até porque não tinha um produto de exportação como o vinho-do-Porto (note-se que as tentativas de introduzir a indústria capitalista falharam).

\*

## CONCLUSÃO

Síntese das principais ideias introduzidas na lição:

a) A maior parte da região de Trás-os-Montes continuava a viver no século 18 ao nível da economia local pouco articulada com o exterior.

b) A integração (como periferia) na economia-mundo euro-atlântica proporcionou ao Alto Douro maiores rendimentos (ou pelo menos maior capacidade de pagar impostos), mas não uma transformação das estruturas económicas no sentido de um desenvolvimento sólido.

Estas ideias devem poder generalizar-se, com algumas modificações, para o conjunto de Portugal, como foi já sugerido na aula anterior da cadeira em que se insere esta lição sobre o papel de Portugal na economia-mundo euro-atlântica.

As aulas seguintes da cadeira em que se insere esta lição examinarão:

a) Como se acentuou no século 19 o impacto da economia-mundo euro-atlântica e suas novidades — moderno crescimento económico e planetização — em Portugal.

b) Como o país tentou reagir no sentido da construção de uma economia nacional e do acompanhar dessas novidades.

## 2. MATERIAIS DE APOIO À LIÇÃO

### - Mapas

1. Concelhos de Trás-os-Montes na última década do século 18.
2. Regionalização adoptada.
3. Distribuição dos padrões de pesos e medidas.

### - Quadros

1. Dados de base: superfície, população, impostos da Igreja e do Estado e população activa.
2. Dados calculados: densidade populacional, impostos por habitante e estrutura da população activa.

### - Referências bibliográficas.

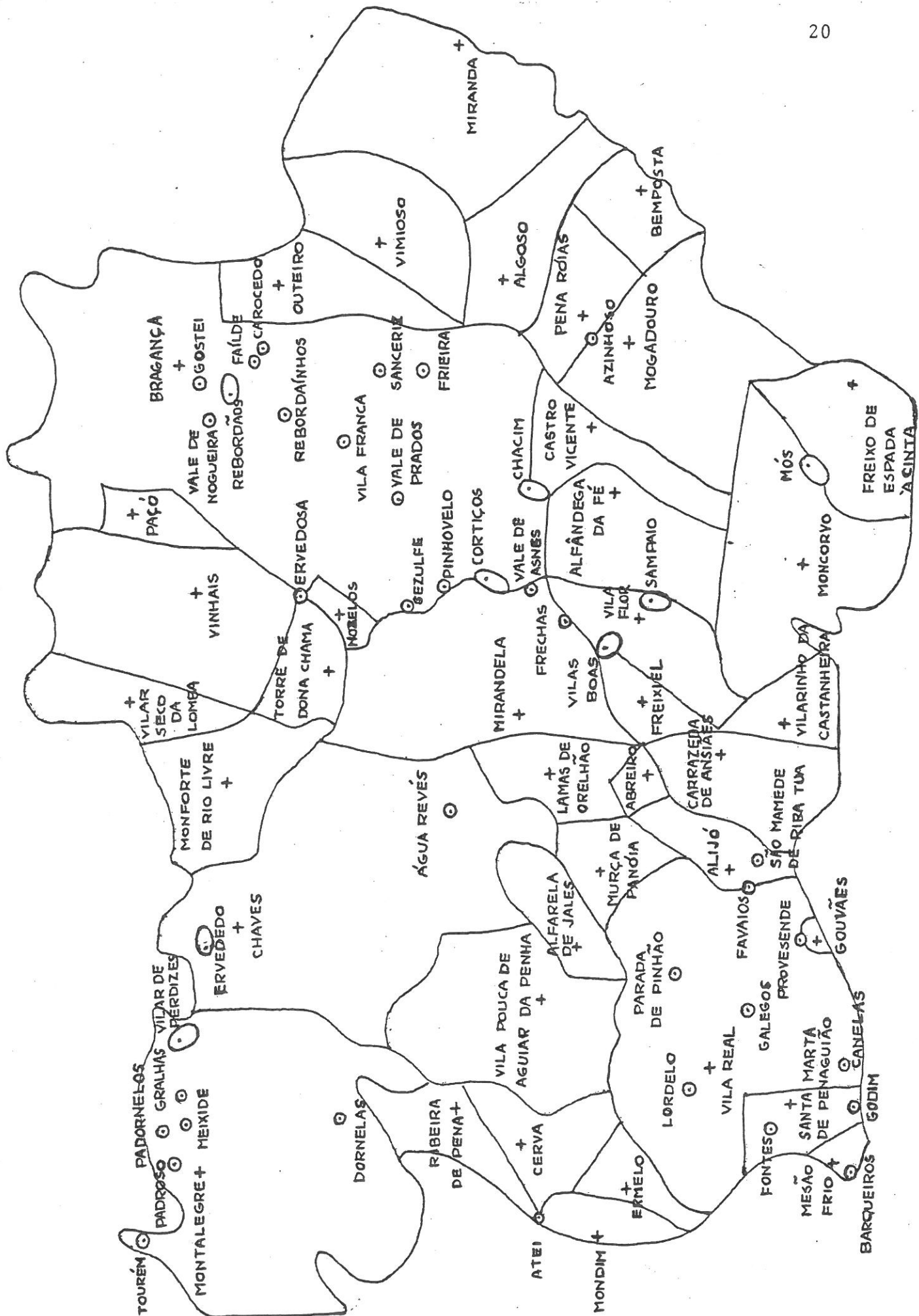
MAPA 1 - CONCELHOS DE TRÁS-OS-MONTES NA ÚLTIMA DÉCADA DO  
SÉCULO 18

Legenda:

- fronteira aproximada de Trás-os-Montes e dos concelhos
- + sede de concelho com mais de duas freguesias.
- concelho com duas freguesias.
- ⊙ concelho com uma povoação ou freguesia.

Fonte: cartografado a partir do "Mappa ..."

Escala: 1/500.000.



## MAPA 2 - REGIONALIZAÇÃO ADOPTADA

## Legenda:

— fronteira aproximada de Trás-os-Montes e das regiões.

Fonte: cartografado com base no mapa 1.

Escala: 1/500 000.

Nota 1 - Composição aproximada das regiões adoptadas em termos dos concelhos actuais.

Sudoeste - Alijó, Mesão Frio, Peso da Régua, Sabrosa, Santa Marta de Penaguião e Vila Real.

Alto Tâmega - Chaves e Valpaços.

Oeste - Mondim do Basto, Murça, Ribeira de Pena e Vila Pouca de Aguiar.

Tua e Sabor - Carraceda de Ansiães, Mirandela, Torre de Moncorvo e Vila Flor.

Nordeste - Alfândega da Fé, Bragança, Macedo de Cavaleiros e Vinhais.

Noroeste - Boticas e Montalegre.

Leste - Freixo de Espada à Cinta, Miranda do Douro, Mogadouro e Vimioso.

Nota 2 - Composição das regiões adoptadas em termos de concelhos da última década do século 18.

Sudoeste - Alijó, Barqueiros, Canelas, Favaios, Fontes, Galegos, Godim, Gouvães, Lordelo, Mesão Frio, Parada de Pinhão, Provesende, Santa Marta de Penaguião, São Mamede e Vila Real.

Alto Tâmega - Água Revês, Chaves, Ervededo e Monforte de Rio Livre.

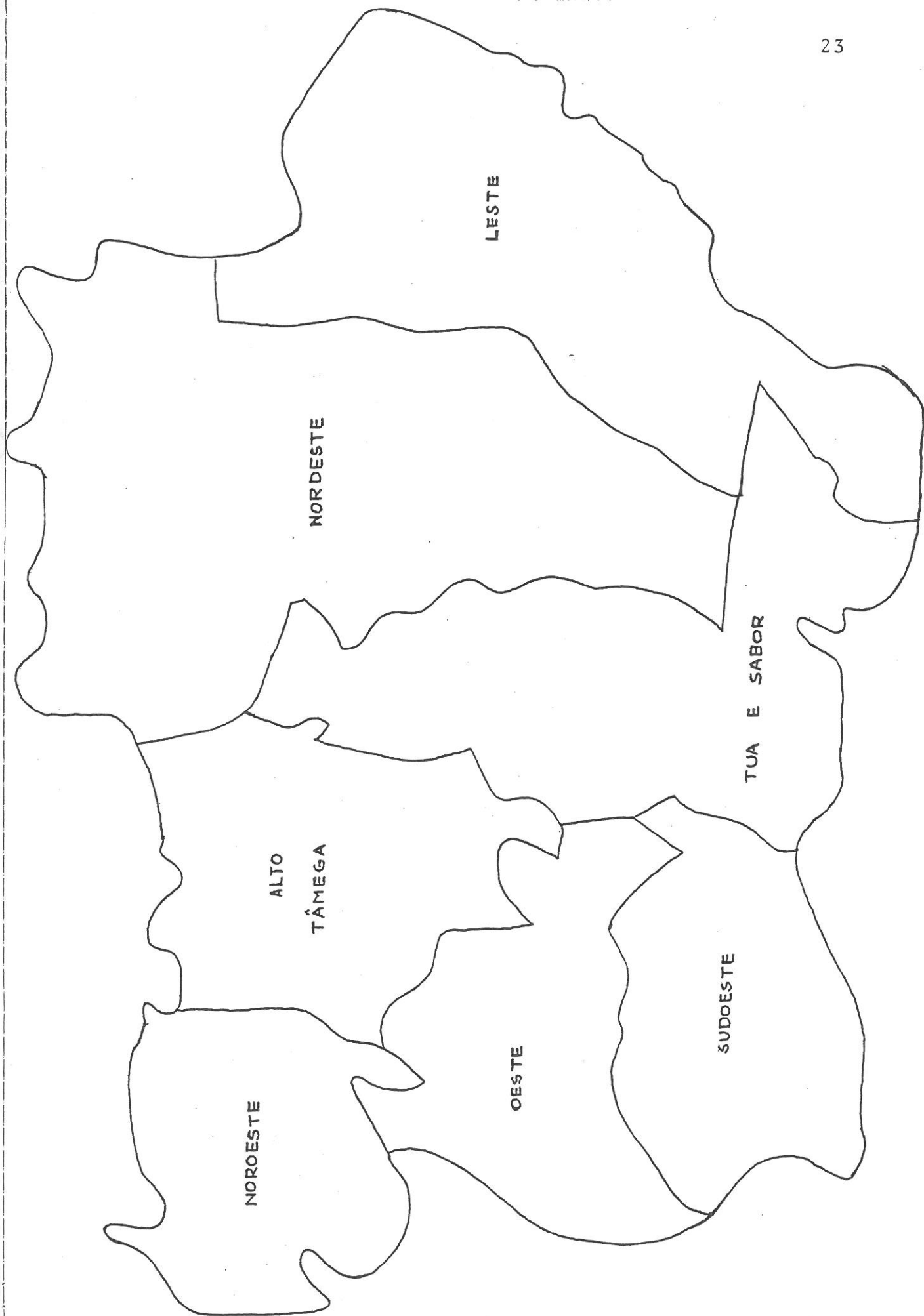
Oeste - Alfarela de Jales, Atei, Cerva, Ermelo, Mondim, Murça de Panóia, Ribeira de Pena e Vila Pouca de Aguiar da Penha.

Tua e Sabor - Abreiro, Carrazeda de Ansiães, Frechas, Freixiel, Lamas de Orelhão, Mirandela, Moncorvo, Mós, Sampaio, Torre de Dona Chama, Vale de Asnes, Vila Flor, Vilarinho da Castanheira e Vilas Boas.

Nordeste - Alfândega da Fé, Bragança, Carocedo, Castro Vicente, Chacim, Cortiços, Ervedosa, Faílde, Frieira, Gostei, Nozelos, Paçô, Pinhovel, Rebordainhos, Rebordãos, Sanceriz, Sezulfe, Vale de Nogueira, Vale de Prados, Vila Franca, Vilar Seco da Lomba e Vinhais.

Noroeste - Dornelas, Gralhas, Meixide, Montalegre, Padornelos, Padroso, Tourém e Vilar de Perdizes.

Leste - Algosó, Azinhoso, Bemposta, Freixo de Espada à Cinta, Miranda, Mogadouro, Outeiro, Pena Róias e Vimioso.



## MAPA 3 - DISTRIBUIÇÃO DOS PADRÕES DE PESOS E MEDIDAS

## Legenda:

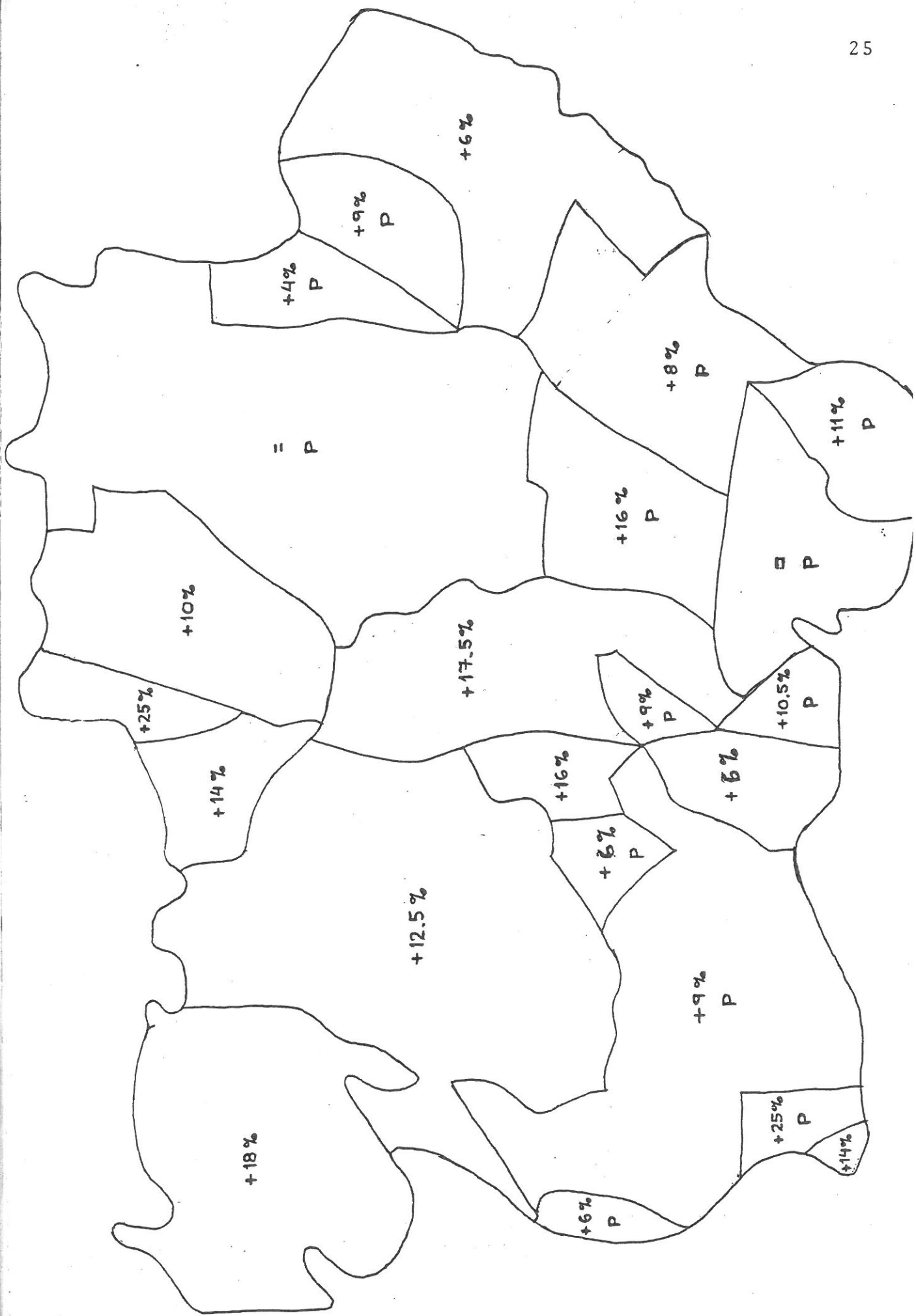
- fronteira aproximada de Trás-os-Montes e das regiões
- + x % proporção em que os padrões da região excedem os de Lisboa (com excepção das medidas de líquidos quando existe a indicação P)
- = padrões idênticos aos de Lisboa (com excepção das medidas de líquidos)
- P padrões das medidas de líquidos idênticos aos do Porto

Observação — Os padrões das medidas de líquidos do Porto excediam os de Lisboa em cerca de 50%.

Fonte: cartografado com base no mapa 1 a partir do "Mapa ...".

Escala: 1/500 000.

Nota - Não foi cartografada a situação dos concelhos com uma ou duas freguesias.



QUADRO 1  
DADOS DE BASE

REGIÃO	SUPERFÍCIE (10 <sup>3</sup> Km <sup>2</sup> )	POPULAÇÃO (10 <sup>3</sup> habitantes)	IMPOSTOS DA IGREJA (contos)	IMPOSTOS DO ESTADO (contos)	AGRICULTURA (10 <sup>3</sup> pessoas)	POPULAÇÃO INDÚSTRIA (10 <sup>3</sup> pessoas)	SERVIÇOS (10 <sup>3</sup> pessoas)
Sudoeste	1.0	56.9	172.2	30.6	12.1	1.9	3.1
Alto Tâmega	1.1	36.5	39.2	11.0	6.3	0.9	1.0
Oeste	1.0	22.6	28.3	5.0	4.6	0.7	0.6
Tua e Sabor	1.7	35.7	43.8	11.1	7.9	1.0	0.9
Nordeste	2.8	51.4	67.4	18.1	9.8	2.3	1.6
Noroeste	1.1	18.2	16.6	4.5	3.8	0.3	0.3
Leste	2.0	28.5	40.2	10.7	5.9	1.4	0.6
Trás-os-Montes	10.8	249.7	407.6	91.0	50.4	8.4	8.2

Fonte: superfície segundo o 8.º Recenseamento Geral da População; população, impostos e população activa segundo o "Mappa ...".

Nota:-- Valores obtidos por agregação de dados por concelhos.

QUADRO 2  
DADOS CALCULADOS

REGIÃO	DENSIDADE POPULACIONAL (habitantes/Km <sup>2</sup> )	IMPOSTOS POR HABITANTE (10 <sup>3</sup> réis)	AGRICULTURA (%)	INDÚSTRIA (%)	SERVIÇOS (%)
Sudoeste	56	3.6	71	11	18
Alto Tâmega	32	1.4	77	11	12
Oeste	23	1.5	78	12	10
Tua e Sabor	21	1.5	80	10	10
Nordeste	18	1.7	72	16	12
Noroeste	17	1.2	86	6	8
Leste	14	1.8	74	18	8
Trás-os-Montes	23	2.0	75	13	12

Fonte: Cálculos a partir dos dados do Quadro 1.

Profissões incluídas em cada sector:

Agricultura (e pecuária) — Lavradores, jornaleiros, pastores e criados.

Indústria — Alfaiates, sapateiros, carpinteiros, pedreiros, ferreiros, ferradores, espingardeiros, latoeiros, caldeireiros, tintureiros, surradores, moleiros, se-  
leiros, cerieiros, cordoeiros, cabeleireiros, pintores, odreiros, caiadores, pentieiros, enchambladores, padeiros, ourives, torcedores de seda, coronheiros, fabricantes de seda, fabricantes de lã, tecelões, fabricantes de ferro, fabricantes de courama, chapeleiros, louceiros, tanoeiros, cardadores, mineiros e soqueiros.

(Transportes, comércio e) serviços — Pessoas literárias, negociantes, cirurgiões, barbeiros, boticários, favaceiros, almocreves, barqueiros, arrais, marinheiros e criadas.

Rubricas não incluídas — Eclesiásticos seculares, eclesiásticos regulares, freiras, seculares, recolhidas e sem ocupação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Girão, Aristides de Amorim — Geografia de Portugal — Portucalense Editora, Porto, 1949-1951 (2ª edição).

Obra utilizada como base para o estudo da geografia de Trás-os-Montes.

- Mendes, José Maria Amado — Trás-os-Montes nos fins do século XVIII segundo um manuscrito de 1796 — Instituto Nacional de Investigação Científica, Coimbra, 1981 (inclui a transcrição do "Mappa do estado actual da provincia de Tras os Montes", feito por Columbano Pinto Ribeiro de Castro e datado de 1796).

Obra fundamental, por conter a fonte basilar do estudo efectuado.

- Serrão, Joel; Dias, José Pedro Silva; Mata, Eugênia; Valério, Nuno — "Subsídios para o estudo da demografia de Trás-os-Montes nos fins do século XVIII" - Economia e Finanças, volume XLI, 1973.
- Serrão, Joel; Dias, José Pedro Silva; Mata, Eugênia; Valério, Nuno — "População activa e população na vida religiosa em Trás-os-Montes nos finais do século XVIII" — Análise Social, segunda série, nº 47, volume XII, 1976.

Quer estes dois artigos, quer o estudo que acompanha a transcrição da fonte no livro de José Maria Amado Mendes, têm como principal fraqueza, em minha opinião, aceitarem a arrumação dos dados quantitativos pelas comarcas de Trás-os-Montes da última década do século 18. Tais comarcas não têm qualquer interesse como zonas de análise, salvo do ponto de vista administrativo-judicial.

- Sousa, Fernando — "A indústria das sedas em Trás-os-Montes (1790-1813)" — Revista de História Económica e Social, nº 2, 1978.

Estudo sobre a implantação e decadência de um dos sectores da indústria têxtil capitalista em Trás-os-Montes.

- Valério, Nuno — "Rumos para o estudo da história económica e social no ISE" — Lisboa, 1983.

Neste relatório está contido o plano geral da cadeira em que se insere a lição apresentada.

## I N D I C E

	Pág.
Plano Geral .....	3
0. Apresentação .....	4
1. Plano da Lição .....	6
Introdução .....	8
Questões Prévias .....	9
As Zonas Económicas .....	10
Exame de Dados Quantitativos .....	14
Compartimentação Económica .....	16
Conclusão .....	17
2. Materiais de Apoio à Lição .....	18
Mapa 1 - Concelhos de Trás-os-Montes na última década do século 18 .....	19
Mapa 2 - Regionalização adoptada .....	21
Mapa 3 - Distribuição dos padrões de pesos e medidas .....	24
Quadro 1 - Dados de base .....	26
Quadro 2 - Dados calculados .....	27
Referências Bibliográficas .....	29

Trab. Dact. e Repografia  
Silvêrio Graça  
Tel. 66 48 89  
LISBOA